

**“SIGNIFICADO E SINONÍMIA
NAS LINGUAGENS NATURAIS” DE RUDOLF CARNAP –
TESE INTENSIONALISTA VERSUS TESE EXTENSIONALISTA:
A QUERELA ENTRE CARNAP E QUINE.**

“*MEANING AND SYNONYMY IN NATURAL LANGUAGES*” OF THE RUDOLF CARNAP -
EXTENSIONALIST THESIS *VERSUS* THE INTENSIONALIST THESIS: THE QUARREL
BETWEEN CARNAP AND QUINE.

Donarte Nunes dos Santos Júnior*

RESUMO: Este trabalho apresenta o texto *Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais* de Rudolf Carnap. A chamada *tese extensionalista* é anteposta à *tese intensionalista*, defendida pelo filósofo alemão, o qual, partindo de uma série de formulações lógicas muito bem defendidas argumentativamente, acredita oferecer à comunidade científica um modo empírico de *testar* a maneira pela qual se dá a *determinação das intensões*, ou seja, como o significado das expressões é designado.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Intensão. Extensão. Empirismo.

ABSTRACT: This work presents the text *Meaning and Synonymy in Natural Languages* of the Rudolf Carnap. The so-called extensionalist thesis is antepost by the intensionalist thesis, defended by the German philosopher, which one, starting from a series of logical statements very well argumentatively defended, believes to offer to the scientific community an empiric form to test the way the determination of intensions is given, that is, how the meaning of expressions is designated.

KEYWORDS: Language. Intension. Extension. Empirism.

“[...] all empirical statements can be expressed in a single language, all states of affairs are of one kind and are known by the same method.” (CARNAP, 1995, p. 32)

1 Introdução

A *História da Filosofia* é repleta de casos, tais como o que subjaz ao texto *Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais* de Rudolf Carnap. “Mestres” e “discípulos”, não raro, tomam caminhos intelectuais distintos e acabam por se digladiar na arena da divulgação científica que são os periódicos especializados na comunicação de tais novidades. Para

* Mestrando em Filosofia – PUCRS. Contato: donarte.santos@pucrs.br . Licenciado em Geografia, especialista no Ensino de Geografia, mestre em Educação em Ciências e Matemática.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

alguns, esta é, certamente, a forma pela qual, ou através da qual, a ciência cresce, e a Filosofia também.

Afirma-se isso porque, como se poderá ver, o texto de Rudolf Carnap traz, constantemente, a pessoa, ou melhor, as idéias (críticas *ad rem*¹) do filósofo norte-americano Willard Van Orman Quine que, por sua vez, em seus escritos, já havia criticado as idéias de Carnap². Curiosamente foi o mesmo Quine que, quando da Segunda Guerra Mundial, ajudou Carnap a migrar para os Estados Unidos e quem declarou: “Carnap foi meu mais importante professor. Tive-o poucos meses depois de ter acabado meus estudos formais e de ter recebido o Ph.D. Fui seu discípulo durante seis anos.”³.

¹ Para o filósofo Arthur Schopenhauer havia *dois modos* (*ad rem* e *ad hominem*) e *dois métodos* (*refutação direta* e *indireta*) para se refutar a *tese* de um adversário. Para ele, no *modo ad rem*: “demonstramos que ou a tese não está de acordo com a natureza das coisas, com a verdade objetiva, ou que não concorda com outras afirmações ou partes do adversário, isto é, com a verdade subjetiva, relativa.” (cf. SCHOPENHAUER, A. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*: 38 estratégias (dialética erística), Rio de Janeiro, Topbooks, 1997, p.119).

² A querela entre Carnap e Quine, que será apresentada no presente artigo, já foi superada. Davidson foi um dos filósofos que mais avançou nesse sentido, superando, inclusive, o último resquício empirista de Quine (ARRUDA, J. M. “Verdade Interpretação e Objetividade em Donald Davidson”. *Veritas*, Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. 137-154, mar. 2005, p. 138). Para Davidson, não podemos saber acerca daquilo que um falante quer informar sem fazer uma interpelação à sua fala. O americano ainda defendia que não haveria a possibilidade de uma linguagem sem pensamento e de um pensamento sem linguagem (DAVIES, M. “Filosofia da Linguagem”. In: BUNNIN, N.; TSUI-JAMES, E. P. *Compêndio de Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2007, p. 107). Deste modo, Davidson não dissociava o trilema fala-pensamento-mundo e afirmava a impossibilidade da realização de uma análise unilateral da linguagem, defendendo que somente uma análise holística-composicional é que proporcionaria um entendimento adequado das sentenças: “We decided a while back not to assume that parts of sentences have meanings excepted in the ontologically neutral sense of making a systematic contribution to the meaning of the sentences in which they occur. Since postulating meanings has netted nothing, let us return to that insight. One direction in which it points is a certain holistic view of meaning. If sentences depend for their meaning on their structure, and we understand the meaning of each item in the structure only as an abstraction from the totality of sentences in which it features, then we can give the meaning of any sentence (or word) only giving the meaning of every sentence (and word) in the language. Frege said that only in the context of a sentence does a word have meaning; in the same vein he might have added that only in the context of the language does a sentence (and therefore word) have meaning.” (DAVIDSON, D. *Inquires into truth and interpretation*. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 2001, p. 22).

³ Cf. QUINE, W. V. O. *Filosofia e Linguagem*. Lisboa: Edições ASA, 1995, p. 5. Para Isaacson: “Given Carnap’s importance for logical positivism, and for Quine, understanding Quine’s relationship to Carnap. That relationship is complex for reasons some of which are deep even intrinsic to the nature of what turned out to be, from Quine’s point. Of weiw, quite different conceptions of philosophy, some of which are accidental, to do with the two philosopher’s varying interests over a period of nearly four decades (from when Quine first learned of Carnap’s *Logical Construction of the World*, about 1932, to Carnap’s death in 1970). During this time they variously influenced and understood each other while pursuing independent lines of thought. An indication saw differences between himself and Carnap as fundamental; Carnap, on the other hand, recognized that there were differences but saw them as bridgeable. As for accidental reasons, the debate between Carnap and Quine is confused by the fact that Carnap was moving to embrace modal logic, which Quine abhorred (and, as noted, had done from before his contact with Carnap), at the same time that Quine was coming to realize the had fundamental disagreements with Carnap’s philosophy of logic syntax, which initially he had thought he accepted wholeheartedly.” (ISSACSON, D. “Quine and Logical Positivism”. In: *The Cambridge Companion to Quine*. New York: Cambridge Press, 2004, p. 237-238).

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

“Significado e sinonímia nas linguagens naturais” de Rudolf Carnap - Tese intensionalista versus Tese extensionalista: a querela entre Carnap e Quine.

Deste modo, ver-se-á que, no artigo *Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais*, Carnap procura antepor à *tese extensionalista* – defendida, em princípio, por Quine –, sua própria teoria, a saber, a *tese intensionalista* que, segundo o pensador alemão, oferece um método seguro para se estabelecer o verdadeiro significado de um termo.

2 Significado e sinonímia nas linguagens naturais⁴

O título do presente tópico é a tradução literal do título geral do texto publicado por Carnap no ano de 1955, às páginas 33 a 46 do periódico *Philosophical Studies*. Trata-se, provavelmente, da resposta de Carnap a um escrito de Quine (*Two dogmas of empiricism* do livro “From a Logical Point of View” de 1953), onde este último faz algumas objeções às postulações do primeiro⁵. Para fins didáticos, cada tópico do presente texto, assume, *ipsis litteris*, os mesmos títulos e subtítulos que Carnap adotou em seu escrito.

2.1 Análise do significado na pragmática e na semântica

Carnap inicia afirmando que as *expressões*, quaisquer que sejam, podem ser interpretadas segundo posicionamentos teóricos completamente distintos. Segundo o filósofo,

⁴ Muito provavelmente, Carnap entendia por *linguagens naturais* as línguas autóctones, as mais originárias, ou ainda, as mais bem constituídas histórica e culturalmente. As *linguagens* (línguas) *naturais* são, portanto, os idiomas que podem ser analisados através da *pragmática* (que nada mais é do que uma investigação empírica) ou através da *semântica* (que procura analisar os sistemas lingüísticos construídos, dados por regras).

De maneira semelhante, Morris explica a questão da seguinte forma: “Así, lenguajes naturales como el inglés, el francés, el alemán, etc. son en este sentido los lenguajes más ricos y por ello han sido llamadas *lenguajes universales*, puesto que en ellos puede representarse no importa qué.” (MORRIS, C. *Fundamentos de la teoría de los signos*. Tradução Rafael Grasa. 2. ed. Barcelona: Paidós, 1994. Título original: Foundations of the Theory of Signs, p. 38). Assim, uma linguagem natural é “qualquer um dos milhares de idiomas que se desenvolvem historicamente entre populações de seres humanos e foram usadas para as finalidades da vida cotidiana – inclusive o inglês, o italiano, o suáí e o latim – como opostos às linguagens formais e a outras linguagens artificiais inventadas pelos matemáticos, pelos lógicos e por outros cientistas do computador, como a aritmética, o cálculo dos predicados, e o LISP e o COBOL.” (LYCAN, W. G. “Filosofia da Linguagem”. In: *DICIONÁRIO DE FILOSOFIA DE CAMBRIDGE*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 355).

É interessante destacar outros entendimentos acerca das *linguagens naturais*: “Para Davidson [Donald Herbert Davidson], a filosofia da linguagem tem por objetivo principal a compreensão de linguagens naturais, que são a base de toda e qualquer compreensão lingüística. Por linguagem natural, ele entende um conjunto de signos que tiveram ou têm uso efetivo atual.” (ARRUDA, J. M. “Verdade Interpretação e Objetividade em Donald Davidson”. *Veritas*, Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. 137-154, mar. 2005, p. 139). Para Tarski, ainda, as *linguagens naturais* são “semanticamente fechadas”. (FILHO, A. A. R. “Sobre a Concepção de Verdade de Tarski”. *Abstracta*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 24-61, 2005, p. 36).

⁵ Apesar de situar historicamente o texto, bem como, seu contexto refutatório, alerta-se que, no presente trabalho, estar-se-á tomando por base uma versão em português, qual seja: CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

“Significado e sinonímia nas linguagens naturais” de Rudolf Carnap - Tese intensionalista *versus* Tese extensionalista: a querela entre Carnap e Quine.

a *pragmática* e a *semântica* são estas formas; os dois caminhos possíveis para se proceder à análise dos significados das expressões.

Para o pensador alemão, a *pragmática* possui um caráter muito mais *empírico*. É o que foi levado a cabo, por muito tempo, por diversos filósofos; filósofos analíticos, sobretudo. Já a *semântica* trata, segundo Carnap, “do estudo dos *sistemas lingüísticos* construídos, dados por regras.”⁶.

Seguindo em suas postulações, o teórico aponta para a existência de duas possíveis divisões da “teoria das relações entre uma linguagem”⁷, sejam elas, a *teoria da extensão* e a *teoria da intensão*. É interessante destacar, a título comparativo, que Quine já havia proposto semelhante diferenciação, vide quadro abaixo (Quadro 1):

Definição de Quine	Definição de Carnap
Teoria da Referência	Teoria da Extensão
Teoria do Significado	Teoria da Intensão

Quadro 1 – “Nomenclaturas” diferentes dadas por filósofos diferentes a *categorias* de análise equivalentes: (Quine X Carnap).
Fonte: O autor (2009).

Para Carnap a *teoria da extensão*⁸ lida com o *nomear*, o *denotar*, refere-se à *extensão*, a *verdade*. Por sua vez, a *teoria da intensão*⁹ lida com o *sinônimo*, com a *analiticidade*, e

⁶ CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 129.

⁷ CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 129.

⁸ Recentemente, no “IV Colóquio Nacional de Filosofia da Linguagem”, ocorrido de 29 outubro a 1º de novembro, na universidade *Unisinos*, Reis fez as seguintes afirmações acerca da *extensão* em Carnap: “A extensão de uma constante individual é o indivíduo ao qual se refere. [...] Quanto à extensão, de um predicado, por exemplo, refere-se à classe dos indivíduos componentes designada pelo predicado, e, de uma oração, o seu valor-de-verdade. [...] se dois predicados ou orações possuírem a mesma extensão, dizemos que são equivalentes.” (Cf. REIS, A. P. “Sentido versus Intensão em Frege e Carnap”. In: IV COLÓQUIO NACIONAL DE FILOSOFIA DA LINGUAGEM, 2007, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Editorial Philosophia da Unisinos, 2007. Disponível em: <<http://www.iphi.com.br/comunicacoes.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2007).

⁹ Ainda segundo Reis “a intensão é o conceito, que pode ser chamado de conceito individual [...] a intensão de um predicado é a propriedade atribuível a indivíduos, e, a de uma oração, a proposição expressa.”. Reis destaca ainda que, para Carnap, quando dois predicados ou duas orações possuem a mesma intensão, diz-se que se tratam de termos “L-equivalentes”, ou seja, para Carnap, “O prefixo L indica uma linguagem que trata de conceitos puramente lógicos, ou seja, independentes de fatos empíricos.” (Cf. REIS, A. P. “Sentido versus Intensão em Frege e Carnap”. In: IV COLÓQUIO NACIONAL DE FILOSOFIA DA LINGUAGEM, 2007, São

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

“Significado e sinonímia nas linguagens naturais” de Rudolf Carnap - Tese intensionalista *versus* Tese extensionalista: a querela entre Carnap e Quine.

Carnap cita, como exemplo, os *tesauros*¹⁰. Diante destas colocações, Carnap afirma que: “De um ponto de vista semântico, a descrição de uma linguagem pode começar perfeitamente com a teoria da intensão e a seguir construir a teoria da extensão sobre uma base”¹¹. Caberia aqui comentar sobre a “ascendência” e a “descendência” que o pensamento pode tomar. Nota-se que Carnap segue um raciocínio descendente; vai do *nome* à *coisa*. Pode-se, também, perfazer caminho contrário, indo da *coisa* ao *nome*. Outro comentário pertinente neste ponto é o da *base* que, nos escritos de Carnap, é sempre a *base empírica*.

Nesse sentido, Carnap coloca que todas as digressões feitas por ele são deveras importantes, porém, faz a seguinte afirmação:

Por outro lado, acredito juntamente com a maioria dos lógicos contemporâneos, que para o propósito especial do desenvolvimento da lógica é mais importante a construção e investigação semântica dos sistemas lingüísticos¹².

É possível, segundo Carnap, chegar a ricas e férteis conclusões ao se estudar o desenvolvimento natural da linguagem dos cientistas, e, também, da linguagem cotidiana.

Para Carnap:

Muitos dos conceitos usados hoje na semântica pura foram na verdade sugeridos por conceitos pragmáticos correspondentes que haviam sido usados para as linguagens naturais por filósofos e lingüistas, embora sem possuir em geral definições exatas. Em certo sentido, consideravam-se esses conceitos semânticos como explicações (*explicata*) dos conceitos pragmáticos correspondentes¹³.

Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Editorial Philosophia da Unisinos, 2007. Disponível em: <<http://www.iphi.com.br/comunicacoes.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2007).

¹⁰ Tesouro, do latim *thesaurus* = tesouro. Trata-se de um *dicionário de idéias afins*, uma listagem estrita e restrita de termos que possuem significados semelhantes em determinado campo do conhecimento. Na literatura especializada, existem tesouros de *economia, meio-ambiente, direito*, etc.

¹¹ CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 130.

¹² CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 130.

¹³ CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 130.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

2.2 A determinação das extensões

Na segunda seção de seu artigo, Carnap contextualiza, através de um exemplo hipotético; uma situação que permite o melhor entendimento acerca de o que seja, de fato, a chamada *extensão*. O filósofo exemplifica com o caso de um lingüista que está interessado em saber sobre a língua alemã, mas que, no entanto, nada sabe a respeito dela. Propõe, também, que tal lingüista tome, como forma de estudo, um autóctone alemão e averigüe como este lida com a língua. Carnap chama a esse sujeito hipotético de “Karl”¹⁴. Para tornar o exemplo ainda mais estrito, o pensador admite apenas o uso de predicados facilmente observáveis e aplicáveis a objetos, tais como, *blau* (azul) e *Hund* (cão). Dentro desta conjectura, o teórico finaliza chamando a atenção para as incertezas, as quais, certamente, o lingüista encontrará em sua pesquisa, a saber, os *possíveis erros* do sujeito Karl em nomear coisas como sendo *blau* e *Hund* e os *problemas* próprios da *indução* feita com base nos *objetos* anteriormente classificados como sendo *blau* e *Hund*.

2.3 A determinação das intensões

No terceiro tópico, Carnap apresenta o objetivo último de seu texto, qual seja, “defender a tese de que a análise da intensão para uma linguagem natural é um procedimento científico, método logicamente tão perfeito quanto a análise da extensão.¹⁵”. Nesta parte do texto, Carnap relembra ao leitor as objeções feitas por Quine (e cita também M. White, outro opositor de suas idéias) e lança a pergunta, o problema ao qual pretende dar resposta, qual seja: “*assumindo-se que o lingüista pode determinar a extensão de um predicado dado, como pode ir além e determinar também sua intensão?*”¹⁶.

É importante destacar que o escopo do termo *intensão*, para Carnap, aponta apenas para as *componentes de significado cognoscitivo ou designativo*¹⁷. Contrariamente, porém, ao

¹⁴ CARNAP, R. “Significado e Sinomínia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 131.

¹⁵ CARNAP, R. “Significado e Sinomínia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 132.

¹⁶ CARNAP, R. “Significado e Sinomínia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 132.

¹⁷ Cf. CARNAP, R. “Significado e Sinomínia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

“Significado e sinonímia nas linguagens naturais” de Rudolf Carnap - Tese intensionalista *versus* Tese extensionalista: a querela entre Carnap e Quine.

que se poderia supor, Carnap deixa em aberto a relação por ele pretendida entre *intensão* e *significado cognoscitivo*. Apenas diz que:

[...] o termo técnico “intensão” que uso aqui ao invés da palavra ambígua “significado” aplica-se somente ao componente de significado cognoscitivo ou designativo. Não tentarei definir este componente¹⁸.

Anteriormente, no entanto, Carnap dá uma pista de o que seja, para ele, a chamada *intensão*:

Uso “intensão” como termo técnico que designa o significado de uma expressão ou, mais especificamente, seu componente de significado designativo [...] a intensão de *blau* em alemão é ser azul; dois predicados são sinônimos se e somente se têm a mesma intensão; uma sentença é analítica se é verdadeira em virtude das intensões das expressões que ocorrem nela¹⁹.

Carnap ressalta que, para se definir, ou ainda, para se determinar a verdade, há que se pressupor, além do conhecimento dos *fatos*, o conhecimento do *significado*, e, caracteriza o significado como sendo: “o componente de significado que é relevante para a determinação da verdade²⁰”. O pensador lembra ainda que os chamados *componentes não cognoscitivos*, que são, para ele, irrelevantes, possuem, no entanto, efeito psicológico, emocional e motivacional.

Seguindo em suas postulações Carnap convida, a título de exemplo, que se tome agora não um, mas dois lingüistas interessados em analisar a linguagem de “Karl”. Propõe que estes dois pesquisadores chegam a um acordo pleno acerca da *extensão* de determinado predicado. Mesmo neste caso, segundo o filósofo, é possível para ambos os pesquisadores, atribuir *intensões* diferentes para o predicado. Este é o ponto central: “Chegamos aqui ao núcleo da controvérsia. Esta concerne à natureza da designação, por parte do lingüista, de uma dessas propriedades ao predicado como sua intensão²¹”, escreve o pensador. Carnap coloca que a

¹⁸ CARNAP, R. “Significado e Sinomínia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 132.

¹⁹ CARNAP, R. “Significado e Sinomínia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 129-130.

²⁰ CARNAP, R. “Significado e Sinomínia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 133.

²¹ CARNAP, R. “Significado e Sinomínia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 133.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

“Significado e sinonímia nas linguagens naturais” de Rudolf Carnap - Tese intensionalista versus Tese extensionalista: a querela entre Carnap e Quine.

tese que ele defende (*tese intensionalista*), sustenta que a *designação de uma intensão* pode ser, como qualquer outra hipótese, testada, verificada. Não é o caso, segundo ele, que a *designação de uma intensão* seja feita segundo a escolha do lingüista, estando, deste modo, “livre”, ou ainda, impossibilitada de se saber certa e errada. Carnap cita, para refutá-lo, Quine:

Quine parece sustentar esta tese; diz ele: “O dicionário terminado é um caso evidente de *expede Herculem*. Porém existe uma diferença. Ao projetar Hércules a partir do pé podemos errar, mas obtemos certa segurança do fato que existe alguma coisa acerca da qual podemos estar errados. No caso do dicionário, enquanto não se dê uma definição de sinonímia não temos nenhuma formulação do problema; não temos nada acerca do que o lexicógrafo esteja certo ou errado”²².

Avançando em seu raciocínio, e, também, na defesa da *tese intensionalista*, Carnap propõe ainda outro exemplo. Pede que se considere que um lingüista, ao investigar a linguagem de “Karl”, registra em seu dicionário *Pferd* com sendo *cavalo*, enquanto o outro adota *Pferd* como sendo *cavalo* e *unicórnio*. Para Carnap (1985) a questão é clara:

Uma vez que não existem unicórnios, as duas intensões atribuídas à palavra *Pferd* pelos dois lingüistas, embora diferentes, têm a mesma extensão. Se a tese extensionalista fosse correta, não existiria nenhum modo para decidir empiricamente entre (1) e (2). Uma vez que a extensão é a mesma, nenhuma resposta de Karl positiva ou negativa, com relação a qualquer coisa real, pode fazer uma diferença entre (1) e (2)²³.

Para resolver o problema exposto acima, Carnap comenta que poderiam ser adotadas *expressões modais* dirigidas a “Karl”, “correspondentes a ‘casos possíveis’ ou outras similares”²⁴, porém, Carnap chama a atenção para a ambigüidade de tais expressões e abandona esta linha de raciocínio. Carnap conclui defendendo que seria perfeitamente

²² CARNAP, R. “Significado e Sinomímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 133. Segundo Carnap, em nota de rodapé, o texto de Quine que está na baila é: “W. V. Quine, *From a Logical Point of View: Nine Lógico-Philosophical Essays* (1935). Para sua crítica dos conceitos de intensão ver especialmente o ensaio II (“*Two dogmas of empiricism*”, publicado pela primeira vez em 1951, III e VII.” (CARNAP, R. “Significado e Sinomímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 132).

²³ CARNAP, R. “Significado e Sinomímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 134.

²⁴ CARNAP, R. “Significado e Sinomímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 134.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

“Significado e sinonímia nas linguagens naturais” de Rudolf Carnap - Tese intensionalista *versus* Tese extensionalista: a querela entre Carnap e Quine.

possível aos lingüistas, descrever um unicórnio em alemão, afim de “Karl” decidir entre (1) e (2), e vai além:

Na determinação das intensões entram em consideração todos os casos *logicamente possíveis*. Isto inclui também aqueles casos que casualmente possíveis, isto é, os casos excluídos pelas leis da natureza que valem para nosso universo, e certamente aqueles que são excluídos pelas leis que Karl acredita serem verdadeiras. Desta forma, se Karl acredita que todos os P são Q por uma lei da natureza, ainda assim o lingüista induzi-lo-á a considerar coisas que são P mas não Q, e perguntar-lhe-á se ele aplicará ou não a estas o predicado em estudo (isto é *Pferd*)²⁵.

Em outro exemplo que se utiliza de termos na língua alemã e na língua portuguesa, Carnap cita o caso de alguns verbetes comuns do dicionário: (3) *Einhorn*, unicórnio e *Kobold*, duende; propõe, também, de forma inversa: (4) *Einhorn*, duende e *Kobold*, unicórnio. Carnap chama mais uma vez a atenção para o fato de que, segundo a tese extensionalista²⁶, não

²⁵ CARNAP, R. “Significado e Sinomínia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 134.

²⁶ O *extensionalismo* nada mais é do que uma ontologia que defende a correspondência direta entre a linguagem e os objetos existentes. Segundo essa tese, o significado e a verdade de uma proposição dispensam a inclusão de “não-existentes” como duendes, unicórneos e quadrados redondos. Assim, segundo esse modo de ver a correspondência entre linguagem e os objetos existentes, há uma identidade entre a forma lógica e o significado dos enunciados. (JACQUETTE, D. “Extensionalismo”. In: *DICIONÁRIO DE FILOSOFIA DE CAMBRIDGE*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 317 e cf. ABBAGNANO, N. “Extensionalismo”. In: *DICIONÁRIO DE FILOSOFIA*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007). Para Quine: “Um objecto referido, nomeado por um termo singular ou denotado por um termo geral, pode ser uma coisa qualquer. Os sentidos, todavia, pretendem ser entidades de um tipo especial: o sentido de uma expressão é a ideia expressa. Ora, há um acordo considerável entre os lingüistas modernos de que a ideia de uma ideia, a ideia de uma contrapartida mental de uma forma linguística, é pior do que inútil para a ciência linguística.” (QUINE, W. V. O. *Filosofia e Linguagem*. Lisboa: Edições ASA, 1995, p. 44). Assim, especificamente em Quine, a tese *extensionalista* atinge o *status* de “inescrutibilidade da referência” (DAVIDSON, D. *De La verdad y de La interpretacion: fundamentales contribuciones a la filosofia del lenguaje*. 2. ed. Barcelona: Gedisa, 1995. Título Original: *Inquires into Truth and Interpretation*, p. 229), ou seja, a impossibilidade de se determinar de forma adequada a intensão de uma asserção; coisa que, posteriormente, foi amenizada por Davidson (quanto a isso ver: DAVIDSON, D. *De La verdad y de La interpretacion: fundamentales contribuciones a la filosofia del lenguaje*. 2. ed. Barcelona: Gedisa, 1995. Título Original: *Inquires into Truth and Interpretation*, especialmente as páginas 229 ss.).

Ainda nesse sentido, e usando como exemplo o caso da margem de erro nos *sentidos* das traduções, o próprio Quine afirma que: “No es difícil imaginar los altibajos que acompañarán a la tarea del traductor. Quizás este haya traducido provisoriamente al castellano dos oraciones nativas que se asemejan de alguna manera desde el punto de vista semântico y encuentre luego que esa similitud se refleja em um cierto uso nativo de las dos expresiones selvanesas. Este hallazgo le ratifica em lo adecuado de su par de traducciones provisionales. De modo que sigue suponiendo alegremente que la comunicación tiene êxito, hasta que, más pronto que tarde, su marcha es interrumpida por um traspíés. Cuando esto ocurre, el traductor quizás llegue al convencimiento de que, después de todo, su par de traducciones era incorreto. Ahora tendrá que recorrer hacia atrás el camino preguntándose em que momento de la fluida conversación anterior perdió la onda. [...] Y esto no se debe a que los significados de las oraciones sean escurridizos o inescrutables; se debe a que los significados no aportan nada: hablar de significados no añade nada a la descripción precedente de los procedimientos y *definir* luego, mediante uma relación de éstos, qué cuenta traducción correcta; pues el uso de los procedimientos requiere que sean sopesados valores inconmenurables. [...] En esto consiste la tesis de la indeterminación de la traducción. (QUINE, W. V. O. *La búsqueda de la verdad*. Barcelona: Crítica, 1992, p. 79-80).

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

“Significado e sinonímia nas linguagens naturais” de Rudolf Carnap - Tese intensionalista *versus* Tese extensionalista: a querela entre Carnap e Quine.

haveria como se decidir entre (3) e (4), pois, para os defensores da referida tese, *Einhorn* e *Kobold*, nada mais são do que uma tradição criada e sedimentada pelos lexicógrafos, e, neste ponto, lança a pergunta: “um homem comum, que aprendeu as duas línguas através do uso prático sem lições de dicionários, aceitaria como correta uma tradução feita segundo (4)?”²⁷.

Encaminhando o encerramento da seção, Carnap aponta para a questão da *extensão* e da *intensão* no predicado *Mensch* (Humano)²⁸. Segundo o filósofo, a *vaguidade extensional* de tal termo é pequena, porém, de forma contrária, sua *vaguidade intensional* é extremamente grande.

No que tange a perscrutação do predicado *Mensch*, Carnap antecipa a defesa de sua tese contra os chamados extensionalistas dizendo que:

O extensionalista rejeitará talvez, como impraticável, o procedimento descrito para a determinação das intensões porque, poderia ele dizer, o homem incomum não consente dizer alguma coisa acerca dos objetos não existentes. Se acontecesse de Karl ser um ultra-realista deste tipo, o lingüista poderia ainda recorrer à mentira, referindo-se, por exemplo, a suas alegadas observações de unicórnios. Mas isto de maneira alguma é necessário. Os testes concernentes a intensões são independentes das questões de existência. O homem comum é perfeitamente capaz de entender e responder a questões sobre situações supostas, nas quais se deixa em aberto se alguma coisa do tipo descrito ocorrerá realmente ou não, e mesmo sobre situações não existentes. Vê-se isso nas conversas cotidianas acerca de planos alternativos de ação, acerca da verdade dos relatórios de sonhos, de lendas e de contos de fadas²⁹.

Carnap finaliza o tópico apresentando a noção de que, embora suas divagações tenham sido rápidas e, de certo modo, superficiais, acredita serem suficientes para a defesa do procedimento empírico da determinação das intensões.

Muitos outros autores estão mais ou menos de acordo com esta idéia: “A mesma expressão pode ter diferentes utilizações mencionadoras (*mentioning-uses*), assim como uma sentença pode ser utilizada para fazer enunciados (*statements*) com diferentes valores de verdade. ‘Mencionar’ ou ‘referir’ não é algo que uma expressão faça; é algo que alguém pode fazer ao utilizar uma expressão.” (STRAWSON, P. F. “Sobre o Referir”. In: RYLE, G. et al. *Ensaio*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 266).

²⁷ CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original *Meaning and Synonymy in Natural Languages*, p. 135.

²⁸ Na realidade *Mensch*, em alemão, trata-se de um termo sem gênero. É comumente usado com *Der Mensch* (Ser Humano), ou ainda, *Homo Sapiens*. A noção que encaminha à “homem” seria *Mann*.

²⁹ CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original *Meaning and Synonymy in Natural Languages*, p. 136.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

2.4 As intensões na linguagem da ciência

No que se refere à *determinação das intensões* na ciência, Carnap comenta que as pesquisas recentes, acarretando o avanço da ciência, acabam por diminuir tanto a *vaguidade extensional* quanto a *vaguidade intensional* dos conceitos. Traz à luz o exemplo dos antigos livros de Química, nos quais não se podia definir entre os *enunciados sintéticos* e os *analíticos*, visto que não havia nenhuma indicação de quais eram, afinal, as características fundamentais, “propriedades definitórias”³⁰ que poderiam ser usadas para diferenciar, por exemplo, entre a água e o ácido sulfúrico. Ainda assim, apesar dos avanços e o “grau de precisão [...] consideravelmente maior”³¹ das/ nas ciências, o filósofo mantém de pé a necessidade constante de se proceder a um esforço preocupado com a *determinação das intensões*, pois, do contrário, estar-se-ia incorrendo num erro de comunicação onde o entendimento claro estaria prejudicado.

2.5 O conceito geral da intensão de um predicado

Carnap inicia este tópico relembrando a possibilidade de, segundo ele, haver um procedimento empírico para testar o comportamento lingüístico; quer, com isso, além de relembrar o leitor, dar como ponto vencido, já acordado de antemão: “existe um procedimento empírico para testar”³².

O teórico germânico segue argumentando em sua escrita que o *teste*, o procedimento de verificação de uma intensão, pode ser usado “em qualquer linguagem, para qualquer pessoa, em qualquer tempo”³³, e vai além, apresentando, finalmente, o ponto central de sua tese:

Pode-se caracterizar *grosso modo* este conceito geral de intensão como segue, deixando-se de lado as sutilezas: a intensão de um predicado “Q” para um

³⁰ CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 137.

³¹ CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 137.

³² CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 137.

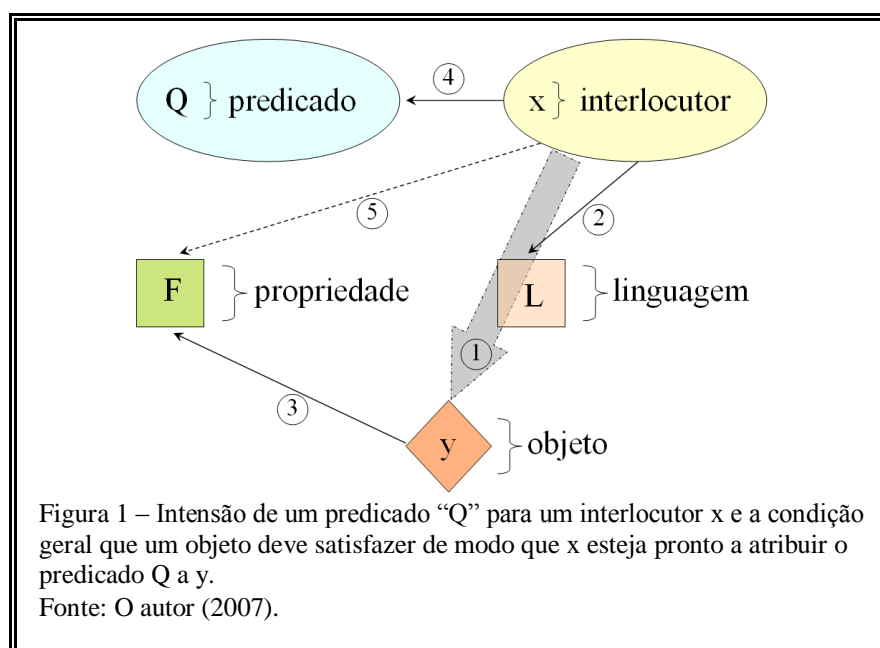
³³ CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 138.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

“Significado e sinonímia nas linguagens naturais” de Rudolf Carnap - Tese intensionalista *versus* Tese extensionalista: a querela entre Carnap e Quine.

interlocutor x é a condição geral que um objeto deve satisfazer de modo que x esteja pronto a atribuir o predicado Q a y . (Omitimos por razões de simplicidade, a referência a um tempo t .) Procuremos fazer mais explícita esta caracterização geral. Que x seja capaz de usar uma linguagem L significa que x tem um sistema de disposições para determinadas respostas lingüísticas. Que um predicado Q numa linguagem L tem a propriedade F como uma intensão para x , significa que entre as disposições de x que constituem a linguagem L existe a disposição de aplicar o predicado Q a qualquer objeto y se e somente se y tem a propriedade F . (Sempre se assume aqui que F é uma propriedade observável, isto é, ou diretamente observável ou explicitamente definível em termos de propriedades diretamente observáveis.) (A formulação apresentada é simplificada e negligencia a vaguidade. Para levar em consideração a vaguidade, deve-se formular um par de intensões F_1, F_2 : x tem a disposição de atribuir afirmativamente o predicado Q a um objeto y se e somente se y tem F_1 ; e disposição de negar Q para y se e somente se y tem F_2 . Desta forma, se y não tem nem F_1 nem F_2 , x não dará nem uma nem uma resposta afirmativa nem ma resposta negativa; a propriedade de não ter nem F_1 nem F_2 constitui a zona de vaguidade, que pode ser vazia.)³⁴.

É possível se entender melhor as reviravoltas lógicas acima citadas, observando-se o organograma abaixo:



O *sujeito* (“ x ”) é aquele que observa os *objetos*. Ao se deparar com um *objeto* (“ Y ”) ele, através da *linguagem* (“ L ”), poderá relacionar ao *objeto* um *predicado* (“ Q ”), porém, isto será feito se e somente se este *objeto* (“ y ”) possuir, para o *sujeito* (“ x ”), determinada

³⁴ CARNAP, R. “Significado e Sinomínia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 138.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

propriedade (“F”), a qual, por sua vez, permitirá a devida utilização do *predicado* (“Q”). Por outros termos, há que haver a observação do *interlocutor* (“x”). Esta observação é representada pela seta de número “1”, no organograma acima (Figura 3). O *sistema de disposições* para se utilizar um *predicado*, para Carnap, nada mais é do que o *sistema lingüístico* do qual o *interlocutor* se vale para nomear ou não um *objeto*. A seta de número “2”, no organograma acima (Figura 3), procura representar a utilização da *linguagem* por parte do *interlocutor*. Este *interlocutor* só estará, segundo Carnap, disposto a atribuir determinado *predicado* ao *objeto* (representado pela seta “4” na figura 3) se, antes disso, verificar neste *objeto* determinada *propriedade* (representada pela seta de numero “3” na figura 3).

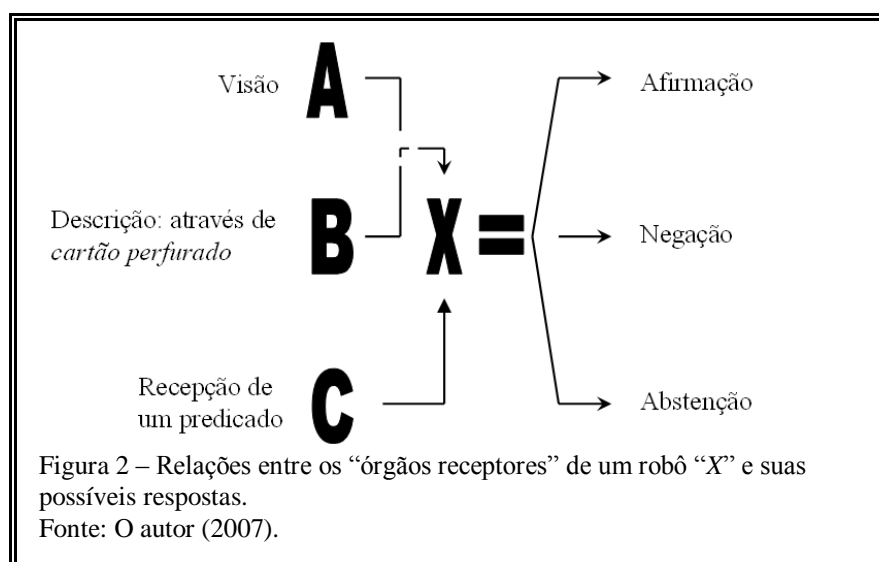
Pode-se perceber que Carnap faz toda uma construção lógica para tentar dar conta da possibilidade de se estabelecer um método para testar a intensão. Para ele, a intensão nada mais é do que a disponibilidade de “x” (interlocutor, sujeito, etc.) em dar a “y” (objeto) um “Q” (um *nome* [um *predicado*], de certa forma).

É possível já aqui se antecipar uma problemática, propor uma discussão: **de onde vem a interpretação que é representada pela seta de número “3” no organograma acima (Figura 3)?** Dito de outra forma: **a representação evidenciada pela seta “3” não poderia ser deslocada para a seta “5”?** Se isso fosse possível, e parece perfeitamente possível, estar-se-ia apresentando uma problemática interessante a Carnap. Colocando ainda de outra forma, Carnap, em suas evoluções lógicas, deixa transparecer que o “F”, a *propriedade* do *objeto* emerge do próprio *objeto*. Não é de se estranhar, é praticamente a postura de todo o *empirista*. Como ficaria, então, a questão se se acrescenta-se a seta “5” proposta na figura 3? Isso transferiria, certamente, a questão para a esfera da interpretação (*percepção* talvez fosse o termo mais apropriado aqui) que “x” faz de “F”, e, posto desta forma, modificaria toda a dinâmica (para não dizer lógica) da relação *sujeito* (“x”) – *objeto* (“y”). Perpassaria questões de *subjetividade* e de *teoria da verdade*, certamente. A despeito disso, siga-se a apresentação do texto de Rudolf:

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

2.6 O conceito de intensão para um robô

Procurar-se-á, apresentar o que Rudolf Carnap expõe, no tópico intitulado “O Conceito de Intensão para um Robô”, transformando o que o filósofo afirma em um outro organograma. Vide ilustração abaixo (Figura 3):



No organograma acima (Figura 4) é possível ver, representado, *grosso modo*, o pensamento de Carnap. O filósofo sugere um robô (“X”) que possui apenas três órgãos receptores (“A”, “B” e “C”). Supondo-se que “A” e “B” não podem se comunicar simultaneamente com “X”, mas apenas, individualmente, tem-se que ou “A” ou “B”, mas nunca ambos. Carnap estipula que “A” é o órgão da *visão* e “B”, o órgão que recebe as *descrições* através de um *cartão perfurado*. O órgão “C” é aquele que “recebe um predicado”³⁵. A respeito deste último órgão, Carnap não se faz claro. Pode-se supor que, para o pensador, “C” é aquele órgão que apenas recebe a palavra o termo, ou ainda, o predicado, *Hund*, por exemplo, apenas isso.

Através desses três órgãos, Carnap propõe uma série de cálculos lógicos que, segundo ele, também podem servir de método seguro para a determinação das intensões. Segundo Carnap:

³⁵ CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 139.

“Significado e sinonímia nas linguagens naturais” de Rudolf Carnap - Tese intensionalista *versus* Tese extensionalista: a querela entre Carnap e Quine.

[...] o investigador pode usar aqui o método de análise estrutural. Com base num plano dado de X, ele pode ser capaz de calcular as respostas que X daria a várias entradas possíveis. Em particular, pode ser capaz de derivar do plano dado, com a ajuda daquelas leis da física que determinam o funcionamento dos órgãos de X, o seguinte resultado com relação a um predicado dado Q da linguagem L e as propriedades específicas F_1 e F_2 (observáveis para X): se o predicado Q é apresentado a C, então X dá uma resposta afirmativa se e somente se um objeto que tem a propriedade F_1 é apresentado a A, e uma resposta negativa se e somente se um objeto com F_2 é apresentado a A. Este resultado indica que o limite da intensão de Q está em algum lugar entre F_1 e F_2 ³⁶.

Com estes cálculos lógicos, Carnap acredita estar apresentando uma possível forma de se testar as respostas de um sujeito (“Karl” ou “X”, no caso do robô). É importante destacar que, Para Carnap, o “Q”, nada mais é do que a própria intensão de um predicado; o “L” é a linguagem, a “disposição de aplicar o predicado Q a qualquer outro objeto y se e somente se y tem uma propriedade F”³⁷.

3 Conclusão

O presente estudo a respeito do artigo *Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais* de Carnap, por breve que seja, permite a constatação de alguns posicionamentos diametralmente opostos na Filosofia, a saber, a *tese extensionalista* e a *tese intensionalista*. Porém, tal afirmação pode ser apenas uma falácia, e em nada contribui para o entendimento da atmosfera carnapiana.

Quando o teórico germânico escreveu *Meaning and Synonymy in Natural Languages* (1972), livro ao qual pertence o escrito apresentado, se encontrava em uma fase mais “avançada” de seu pensamento³⁸. Alguns identificam como sendo a chamada *terceira fase* de Carnap. Isso significa que Rudolf já havia “abandonado”, de certa forma, seu projeto *neopositivista*, ao menos na forma que havia postulado no *Aufbau*³⁹.

³⁶ CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 140.

³⁷ CARNAP, R. “Significado e Sinonímia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages, p. 138.

³⁸ Cf. GUERREIRO, M. A. de L. “Significado e Verdade na última fase do pensamento de Carnap”. *Reflexão*. Campinas, n. 51/52, p. 31-47, abr. 1992 e KOUDELA, M. S. C. N. “Rudolf Carnap (1891-1970) – um itinerário intelectual”. *Reflexão*. Campinas, n. 51/52, p. 211-218, abr. 1992.

³⁹ “Logische Aufbau der Welt” (A Construção Lógica do Mundo) primeiro escrito de Carnap (1928), cf. CARRION, R. “Como caiu o mundo que Carnap construiu em 1928”. *Reflexão*. Campinas, n. 51/52, p. 11-29, abr. 1992.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

“*Significado e sinonímia nas linguagens naturais*” de Rudolf Carnap - Tese intensionalista *versus* Tese extensionalista: a querela entre Carnap e Quine.

Porém, ainda assim, é possível se perceber claramente que Carnap não rompe totalmente com a *filosofia analítica*, procura manter o caráter de *legitimação da ciência* e faz isso ancorado na lógica e nos pressupostos empiristas:

O empirista considera que, se todo o conhecimento factual provém em última análise do que é dado de modo imediato na experiência, não podemos atribuir às leis das ciências empíricas características que não se deixam explicar a partir de tal experiência, tais como a *universalidade estrita e a necessidade* que o racionalista lhes confere. O racionalista, argumentando inversamente, considera que, posto que existem leis universais e necessárias nas ciências factuais, estas não podem se justificar com base exclusivamente na experiência, requerendo uma contribuição *substantiva* da razão, de que a lógica puramente *formal* não poderia entretanto dar conta⁴⁰.

Há que se ter em mente todo o contexto sociopolítico e econômico, no qual viveu o teórico germânico e o *porquê* de ele ter abandonado o *projeto Aufbau*. Havia, segundo Carrion,

[...] um sonho de ordem, clareza, pureza e racionalidade, a serem implantadas no mundo e na ciência por homens novos, de uma época nova, munida de novas e mais poderosas técnicas e esperançosa de poder fazer frente aos novos desafios. O que aconteceu a esse “sonho da razão arquitetônica”?

A resposta passa pela experiência histórica da Europa e da humanidade entre os anos vinte, e digamos, o fim da II grande guerra (para não falar do atual desabamento dos resultados da utopia socialista). Esperava-se da ciência e da técnica a exploração racional das forças da natureza, a libertação da humanidade do trabalho pesado e repetitivo, das doenças, da pobreza e da ignorância; a libertação de energias criativas e espirituais, o fim da sujeição aos dogmas e superstições, o florescimento da cultura e das artes, a abertura da possibilidade de novas formas de comunicação, a organização racional da vida humana. Ora, o que se viu, de fato, foi uma humanidade progressivamente cansada de ser “racionalmente” explorada e controlada, quando não “cientificamente” exterminada num planeta “cientificamente” arrasado. De sonho, a idéia de reconstrução racional da totalidade da vida humana passou a pesadelo totalitário⁴¹.

Ao *projeto* “fracassado” da fase inicial do pensador alemão, soma-se, de certa forma, o também “malogrado” projeto da terceira fase – fase, a qual pertence *Significado e Sinomínia nas Linguagens Naturais*⁴². Rudolf, tendo sido aluno de professores, tais como Frege, assume

⁴⁰ CARRION, R. “Como caiu o mundo que Carnap construiu em 1928”. *Reflexão*. Campinas, n. 51/52, p. 11-29, abr. 1992, p. 18.

⁴¹ CARRION, R. “Como caiu o mundo que Carnap construiu em 1928”. *Reflexão*. Campinas, n. 51/52, p. 11-29, abr. 1992, p. 26.

⁴² Cf. GUERREIRO, M. A. de L. “Significado e Verdade na última fase do pensamento de Carnap”. *Reflexão*. Campinas, n. 51/52, p. 31-47, abr. 1992.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

“*Significado e sinonímia nas linguagens naturais*” de Rudolf Carnap - Tese intensionalista *versus* Tese extensionalista: a querela entre Carnap e Quine.

ensinamentos construídos ao longo dos anos, e, ainda, numa postura *analítica* procura dar conta da questão do *significado*. Entretanto, o próprio mestre de Carnap alertava que “O que é irrelevante para o lógico pode justamente revelar-se importante para quem esteja interessado na beleza da linguagem”⁴³, e vai além:

Assim, o conteúdo de uma sentença não raramente ultrapassa o pensamento por ela expresso. Mas, também o oposto acontece com frequência, a saber: o mero enunciado verbal, aquilo que fica fixado no papel ou no disco fonográfico, não é suficiente para a exposição do pensamento⁴⁴.

Porém, não se pode cometer o erro de acusar Carnap de ser um *empirista qualquer*. Segundo Carrion, a pessoa mais desavisada tende a pensar que ele tentou: “*definir* todos os conceitos empíricos sobre uma base fenomenista’ (o que é certo) e conclui, provavelmente, que Carnap é portanto um empirista humeano (o que é falso)”⁴⁵.

Deve-se ter presente que um pensador é, de certa forma, resultado de sua escola, de suas relações *com* os outros, de sua relação com os fatos da vida e de sua história. Sabe-se, por exemplo, das seguidas *viradas* do pensamento filosófico e que “A história da filosofia está pautada por revoluções contra as práticas dos precedentes e por intentos de transformar a filosofia em uma ciência [...]”⁴⁶. Tudo isso manifestar-se-á, mais ou menos, na obra deste pensador:

Así, el formalista tenderá a considerar cualquier sistema axiomático como un lenguaje, sin preocuparse de si existe algo que aquél denote, o sin considerar si el sistema se usa realmente por algún grupo de intérpretes; el empirista tenderá a enfatizar la necesidad de la relación de los signos con los objetos que éstos denotan y cuyas propiedades consignan fielmente; el pragmático, a sua vez, tenderá a considerar um lenguaje como um tipo de actividad comunicativa, social em su origen y naturaleza, mediante la cual los miembros de um grupo social pueden satisfacer de forma más adecuada sus necesidades comunes e individuales⁴⁷.

⁴³ FREGE, G. *Investigações Lógicas*. Tradução Paulo Alcoforado. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 20.

⁴⁴ FREGE, G. *Investigações Lógicas*. Tradução Paulo Alcoforado. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 20.

⁴⁵ Cf. CARRION, R. “Como caiu o mundo que Carnap construiu em 1928”. *Reflexão*. Campinas, n. 51/52, p. 11-29, abr. 1992, p. 12.

⁴⁶ RORTY, R. *El giro lingüístico: dificultades metafísicas de la filosofía lingüística*. 1. ed. Barcelona: Paidós, 1990. Título Original: *The linguistic Turn: Recent Essays in Philosophical Method*, p. 47. Tradução nossa.

⁴⁷ “Assim, o formalista tenderá a considerar qualquer sistema axiomático como uma linguagem, sem preocupar-se se existe algo que aquilo denote, ou sem considerar se o sistema é realmente usado por algum grupo de intérpretes; o empirista tenderá a enfatizar a necessidade da relação dos signos com os objetos que estes denotam e cujas propriedades fielmente consignam; o pragmático, por sua vez, tenderá considerar uma linguagem como um tipo de atividade comunicativa, social em sua origem e natureza, mediante a qual os membros de um grupo

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

“Significado e sinonímia nas linguagens naturais” de Rudolf Carnap - Tese intensionalista versus Tese extensionalista: a querela entre Carnap e Quine.

Conclui-se que o filósofo Rudolf Carnap foi um pensador de seu tempo. Um teórico que assumiu de forma bastante radical as premissas nas quais acreditava, mas que, no entanto, nunca deixou de debater no campo do *diálogo científico*. Prova disto são as inúmeras *correspondências*⁴⁸ trocadas com Quine, nas quais, se prenunciam questões que posteriormente são aprofundadas de forma mais séria nas publicações que ainda hoje podem ser lidas, confrontadas e mais ou menos aceitas.

AGRADECIMENTOS

Ao **professor Dr. Eduardo Luft** pela orientação na produção deste texto que foi, originalmente, produzido para a disciplina de *Filosofia da Ciência*, ministrada por ele, em junho de 2009.

Ao **professor Dr. Sérgio Sardi** por encorajar muitas das teorizações aqui apresentadas, quando da disciplina de *Filosofia da Linguagem*, ainda no ano de 2007.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARRUDA, J. M. “Verdade Interpretação e Objetividade em Donald Davidson”. *Veritas*, Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. 137-154, mar. 2005.
- CARNAP, R. Translated M. Black. *The Unity of Science*. Bristol: Thoemmes, 1995.
- _____. “Significado e Sinomínia nas Linguagens Naturais”. In: SCHLICK, M.; CARNAP, R. *Coletânea de Textos*. Tradução Luiz João Baraúma e Pablo Rubén Mariconda. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Título Original Meaning and Synonymy in Natural Languages.
- CARRION, R. “Como caiu o mundo que Carnap construiu em 1928”. *Reflexão*. Campinas, n. 51/52, p. 11-29, abr. 1992.
- DAVIDSON, D. *Inquires into truth and interpretation*. 2. ed. Oxford: Claredon Press, 2001.
- _____. *De La verdad y de La interpretacion: fundamentales contribuciones a la filosofia del lenguaje*. 2. ed. Barcelona: Gedisa, 1995. Título Original: Inquires into Truth and Interpretation.
- DAVIES, M. “Filosofia da Linguagem”. In: BUNNIN, N.; TSUI-JAMES, E. P. *Compêndio de Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- FREGGE, G. *Investigações Lógicas*. Tradução Paulo Alcoforado. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- FILHO, A. A. R. “Sobre a Concepção de Verdade de Tarski”. *Abstracta*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 24-61, 2005.

social podem satisfazer de forma mais adequada suas necessidades comuns e individuais.” (MORRIS, C. *Fundamentos de la teoria de los signos*. Tradução Rafael Grasa. 2. ed. Barcelona: Paidós, 1994. Título original: Foundations of the Theory of Signs, p. 36. Tradução nossa).

⁴⁸ Para se ir além e saber mais sobre a relação entre Carnap e Quine, sugere-se a leitura de “QUINE, Willard Van Orman. Dear Carnap, dear Van : the Quine Carnap correspondence and related work. Berkeley : University of California Press, 1990.”, onde de forma muito transparente e quase informal os dois filósofos conversam através de cartas.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

“Significado e sinonímia nas linguagens naturais” de Rudolf Carnap - Tese intensionalista versus Tese extensionalista: a querela entre Carnap e Quine.

- GOMES, N. G. *Neopositivismo, Metafísica, Religião e Política*. Porto Alegre: 2006. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/pgfilosofia/TextoNelsonGomes-Intens0602.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2007.
- GUERREIRO, M. A. de L. “Significado e Verdade na última fase do pensamento de Carnap”. *Reflexão*. Campinas, n. 51/52, p. 31-47, abr. 1992.
- ISSACSON, D. “Quine and Logical Positivism”. In: *The Cambridge Companion to Quine*. New York: Cambridge Press, 2004.
- JACQUETTE, D. *Extensionalismo*. In: *DICIONÁRIO DE FILOSOFIA DE CAMBRIDGE*. São Paulo: Paulus, 2006.
- KOUDELA, M. S. C. N. “Rudolf Carnap (1891-1970) – um itinerário intelectual”. *Reflexão*. Campinas, n. 51/52, p. 211-218, abr. 1992.
- LYCAN, W. G. “Filosofia da Linguagem”. In: *DICIONÁRIO DE FILOSOFIA DE CAMBRIDGE*. São Paulo: Paulus, 2006.
- MORRIS, C. *Fundamentos de la teoria de los signos*. Tradução Rafael Grasa. 2. ed. Barcelona: Paidós, 1994. Título original: Foundations of the Theory of Signs.
- MURZI, M. “Rudolf Carnap (1810-1970)” [s.l.]: *The Internet Encyclopedia of Philosophy*, 2006. Disponível em: <<http://www.iep.utm.edu/c/carnap.htm>>. Acesso em: 31 out. 2007.
- QUINE, W. V. O. *Filosofia e Linguagem*. Lisboa: Edições ASA, 1995.
- _____. *La búsqueda de la verdad*. Barcelona: Crítica, 1992.
- _____. *Dear Carnap, dear Van: the Quine Carnap correspondence and related work*. Berkeley : University of California Press, 1990.
- REIS, A. P. “Sentido versus Intensão em Frege e Carnap”. In: IV COLÓQUIO NACIONAL DE FILOSOFIA DA LINGUAGEM, 2007, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Editorial Philosophia da Unisinos, 2007. Disponível em: <<http://www.iphi.com.br/comunicacoes.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2007.
- RORTY, R. *El giro lingüístico: dificultades metafisológicas de la filosofía lingüística*. 1. ed. Barcelona: Paidós, 1990. Título Original: The linguistic Turn: Recent Essays in Philosophical Method.
- SCHOPENHAUER, A. *Como vencer um debate sem precisar ter razão: 38 estratégias (dialética erística)*. Tradução Daniela Caldas e Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- STEIN, S. I. A. “Willard Van Orman Quine: a exaltação da nova lógica”. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 373-379, mar. 2004.
- STRAWSON, P. F. “Sobre o Referir”. In: RYLE, Gilbert et al. *Ensaaios*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 111-129
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------